

Discípulo de uma Escola? Alexandre Mações e os edifícios residenciais unifamiliares a luz da LUOS 1983 na cidade do Recife-PE.

Disciple of a School? Alexandre Mações and single-family residential buildings in the light of LUOS 1983 in the city of Recife-PE.

Discípulo de una Escuela? Alexandre Mações y edificios residenciales unifamiliares a la luz de LUOS 1983 en la ciudad de Recife-PE.

ADRIÃO, Liliana.

Mestranda no programa de Arquitetura e Urbanismo - UFPE
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
liliana.adriao@ufpe.br

MONTE, Arthur.

Graduando em Arquitetura e Urbanismo.
Faculdade de Ciências Humanas - ESUDA.
arthurcandman@gmail.com

NUMERIANO, Giovanna.

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo.
Faculdade de Ciências Humanas - ESUDA.
gi.numeriano@gmail.com

RESUMO

Este artigo visa analisar as obras do arquiteto Alexandre Mações a partir do pressuposto de uma influência da escola pernambucana de arquitetura moderna, em um período compreendido entre 1983 a 1996. Além disso, com base nesse pressuposto, pretende também analisar a LUOS de 1983 a fim de determinar quais métodos projetuais foram utilizados pelo arquiteto em três edifícios multifamiliares projetados na cidade do Recife. Alexandre Mações atuou na cidade do Recife junto a importantes nomes da arquitetura moderna pernambucana como Alexandre Castro e Silva, Wandenkolk Tinoco e Carlos Fernando Pontual. Ao mesmo tempo pontuar onde se verifica a liberdade projetual do Arquiteto em face das determinações da legislação, tendo por método de análise as informações obtidas junto ao arquiteto, bem como nossas análises historiográficas. Por fim, este estudo tem como premissa a provável influência da escola pernambucana de arquitetura moderna, a qual, em sua relação com a LUOS 83, implicou na expressão plástica volumétrica de Alexandre Mações.

Palavras-chave: Modernismo. Legislação. Alexandre Mações.

ABSTRACT

This article aims to analyze the works of the architect Alexandre Mações from the assumption of an influence of Pernambuco's school of modern architecture, in a period between 1983 and 1996. Furthermore, based on this assumption, it also intends to analyze the LUOS of 1983 in order to determine which projectual methods were used by the architect in three multifamily buildings designed in the city of Recife. Alexandre Mações worked in the city of Recife along with important names in modern Pernambuco architecture such as Wandenkolk Tinoco and Carlos Fernando Pontual. At the same time, we will point out where the architect's design freedom is verified in face of the legislation's determinations, using as an analysis method the information obtained from the architect, as well as our historiographical analysis. At last, this study is premised on the probable influence of the Pernambuco's school of modern architecture, which, in its relationship with the 1983 LUOS, implied the volumetric plastic expression of Alexandre Mações.

Keywords: Modernism. Legislation. Alexandre Mações.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar las obras del arquitecto Alexandre Mações a partir del supuesto de una influencia de la escuela de arquitectura moderna de Pernambuco, en un período entre 1983 y 1996. Además, a partir de ese supuesto, también pretende analizar la LUOS de 1983, con el fin de determinar qué métodos de diseño fueron utilizados por el arquitecto en tres edificios multifamiliares proyectados en la ciudad de Recife. Alexandre Mações trabajó en la ciudad de Recife junto a importantes nombres de la arquitectura pernambucana moderna como Wandenkolk Tinoco y Carlos Fernando Pontual. A su vez, señalaremos dónde se verifica la libertad proyectual del arquitecto frente a las determinaciones de la legislación, utilizando como método de análisis la información obtenida del arquitecto, así como nuestros análisis historiográficos. Finalmente, este estudio tiene como premisa la probable influencia de la escuela de arquitectura moderna de Pernambuco, que, en su relación con LUOS 83, implicó la expresión plástica volumétrica de Alexandre Mações.

Palabras clave: Modernismo. Legislación. Alexandre Mações.

Discípulo de uma Escola? Alexandre Mações e os edifícios residenciais unifamiliares a luz da LUOS 1983 na cidade do Recife-PE.

INTRODUÇÃO

A história arquitetônica de Pernambuco é um testemunho de sua evolução econômica e cultural, marcada por visionários que moldaram a paisagem urbana com suas criações inovadoras. Na década de 1930, o estado se ergueu como uma potência no Nordeste brasileiro, impulsionado por um desenvolvimento econômico que remontava aos tempos coloniais. Nesse contexto de progresso, a cidade do Recife se tornou um bastião da arquitetura moderna, simbolizando modernização e sofisticação cultural.

Luiz Nunes, desempenhou um papel fundamental ao introduzir métodos construtivos revolucionários e materiais de vanguarda, com uma visão voltada para funcionalidade, economia e bem-estar social. Apesar de sua partida prematura, suas ideias perduraram, pavimentando o caminho para um movimento modernista que influenciou as gerações vindouras e trouxe uma nova identidade arquitetônica a Pernambuco. Junto a nomes como Mário Russo, Acácio Gil Borsoi e Delfim Fernandes Amorim, e a corrente modernista brasileira, esses arquitetos contribuíram para definir a paisagem urbana e deixar um legado duradouro.

Em Recife, as diretrizes urbanísticas desempenharam um papel fundamental na definição dos parâmetros de construção e, além disso, orientaram o progresso urbano da cidade. Para o escopo deste estudo, focalizaremos um período delimitado entre a LUOS 1983 e a LUOS 1996. Através dessa análise, exploraremos como a cidade, especialmente nos bairros de Espinheiro, Graças, Casa Forte e Boa Viagem, evoluiu por meio dos mecanismos instituídos pelas regulamentações ao longo desse intervalo de tempo, e como esses dispositivos foram empregados como ferramentas para a promoção de ocupação urbana e o desenvolvimento de projetos imobiliários.

O marco de 1983 trouxe consigo uma revolução legislativa, com a promulgação da Lei de Uso e Ocupação do Solo (LUOS) no Recife. Em contraste com regulamentações anteriores, essa legislação adotou um viés mais liberal em termos construtivos, concedendo aos arquitetos uma plataforma mais aberta para a materialização de suas visões em meio a um cenário de expansão imobiliária. A LUOS delineou zonas distintas, considerou interesses sociais e freou especulações imobiliárias, proporcionando algumas vezes aos arquitetos a liberdade necessária para criar.

Este estudo se propõe a explorar a trajetória de Alexandre Mações, investigando as intersecções entre sua criatividade e a legislação vigente. Para tal, destacamos três de suas obras emblemáticas: o Edifício Marcelo Asfora em Casa Forte, o Edifício Sobrado Capibaribe na Madalena e o Edifício Sobrado do Shopping em Boa Viagem, todos erguidos sob os princípios da LUOS 1983.

Ao desvendar essas obras e suas características inovadoras, este estudo não apenas lança luz sobre a contribuição de Alexandre Mações, mas também fornece discernimento para futuras investigações sobre sua rica produção arquitetônica. Através desta explanação, ficará em evidência as nuances pessoais e criativas do próprio Alexandre Mações e como a Escola Pernambucana de Arquitetura Moderna possivelmente influenciou as soluções construtivas ao longo das gerações.

LUOS 1983

No dia 17 de janeiro de 1983, foi promulgada a primeira lei especializada em uso e ocupação urbana na cidade do Recife. Com a instituição da Lei 14.511, a cidade foi dividida em diversos setores e zonas com parâmetros urbanísticos distintos, e diretrizes específicas e exclusivas foram definidas para o uso e ocupação do solo. A lei estabeleceu a divisão do Recife em Área Urbana e Área de Expansão Urbana.

A Legislação do ano de 1983 procedeu se adequando à morfologia da cidade do Recife à época e às suas inúmeras transformações de cunho social, econômico e imobiliário. Com o edifício em altura ganhando mais protagonismo e no caminho para se tornar o principal estilo de residência da classe média e alta recifense, a Lei de Uso e Ocupação de Solo foi rápida em delimitar e categorizar as zonas residenciais e a especificar inúmeros detalhes de como tais construções deveriam se comportar dentro de cada uma delas. Minúcia que veio para compensar a imprecisão deixada pela LUOS de 1961.

Nela, a verticalização da cidade foi indiretamente incentivada e as edificações ficaram mais livres para ganhar altura se mantendo coesas com o uso adequado do lote. Década em que os automóveis seguiam ganhando destaque, as garagens e estacionamentos foram bem regulamentados, contribuindo também para uma boa fundamentação da legislação.

Sobre o Coeficiente de Utilização, no Artigo 23, o §4º dita que nas edificações de tipologia H6 e H8, que são até cinco (5) pavimentos computáveis, a taxa de ocupação será de até 30% (trinta por cento). Porém, houve um adendo, com a Lei 14.830/1985, onde se dizia que para efeito de cálculo, os edifícios de tipologia H6 e H8 passariam a ter o coeficiente de utilização de 35%.

O cálculo do coeficiente alternativo também ofereceu aos arquitetos mais liberdade em seus desenhos na época, pois consistia em um cálculo feito em relação ao coeficiente de utilização do lote, autonomia que pode ser reconhecida através do tratamento dado às fachadas. Por exemplo, caso o coeficiente fosse de 20%, porém, caso o projetista utilize apenas 10% de 20%, essa diferença percentual poderia ser acrescentada no corpo da estrutura, assim, contribuindo para a verticalização.

Em figura explicativa que pode ser encontrada na impressão original da legislação, se observa no que se refere à tipologia H6, que foi retratada com armários sacados. Fato que contíguo à má elaboração do trecho citado abaixo, deu abertura para a permanência dos armários que não contabilizavam no metro quadrado de área construída - característica dos desenhos da arquitetura moderna, na cidade do Recife, na década de 1960, que, posteriormente, vieram a se tornar traço

da escola pernambucana de arquitetura moderna. Tal brecha apenas foi devidamente corrigida anos depois, com a Legislação de 1996.

VII - da superfície total ocupada por terraços, varandas, balcões, armários, poços ou áreas de iluminação, poços de elevadores, caixas de escadas, ante-câmara contra incêndio, jardineiras, terraços de serviços, tanques de lavagem de roupa e estantes, desde que situados dentro do perímetro resultante dos afastamentos das divisas do terreno ou lote (RECIFE, 1983).

A legislação estabelece as normas e diretrizes para os afastamentos em edificações, sendo somente nos pavimentos destinados à garagem, guarda de veículos ou estacionamentos que se pode ultrapassar a área definida pela Taxa de Ocupação exigida - sempre de acordo com os procedimentos do Anexo 4B. Por exemplo, para edificações situadas no bairro de Casa Forte, configurada como uma Zona Residencial 5 (ZR5), tais afastamentos devem obedecer a um afastamento frontal de 5 metros e as demais, de 3 metros.

É importante frisar que, no que se refere ao cômputo da área total de construção, o §1º determina algumas áreas que não serão computadas, sendo algumas delas: pavimentos de subsolo e semi-enterrado, como ocorreu em diversas edificações da década de 1980.

A fim de melhor compreender o funcionamento da Lei Nº 14.511/1983 na prática, foram analisados com cautela os dados de coeficiente de utilização, taxa de ocupação e afastamentos para as tipologias H7 (corpo com até 4 pavimentos) e H8 (corpo com mais de 4 pavimentos) que se referem às divisões territoriais ZR-5 e ZR-6, zonas que se situam as três áreas mais disputadas pela verticalização nos anos 1980.

Também foram encontradas observações que determinavam mudanças no afastamento inicial dos edifícios. Mesmo que a sua zona residencial já apresentasse determinações em relação a essas medidas, em determinadas avenidas, geralmente as principais, o afastamento inicial e demais medidas de afastamento como as de lateral e fundos, apresentaram mudanças.

Torna-se evidente e necessário compreender a importância dos edifícios em altura na paisagem urbana do Recife e até que ponto as legislações desempenharam um papel na forma dessas construções. Ao longo dos anos, o crescimento vertical se revelou como possível alternativa para áreas urbanas densas, oferecendo uma nova possibilidade projetual para lidar com a escassez de espaço e atendendo às demandas crescentes por habitação e infraestrutura.

Nos anexos da Lei de Uso e Ocupação do Solo de 1983 (LUOS 1983) encontram-se esquemas detalhados que delineiam o comportamento ideal para o desenvolvimento do espaço urbano. Os arquitetos e urbanistas responsáveis pela concepção e planejamento das áreas urbanas orientaram-se por esses anexos, utilizando-os como referência fundamental. Os esquemas contidos nessa documentação proporcionaram diretrizes essenciais para a disposição dos volumes arquitetônicos, a distribuição das áreas verdes e a harmonização das edificações com o ambiente circundante. Dessa forma, os anexos da LUOS 1983 desempenharam um papel crucial na configuração das cidades, garantindo um crescimento ordenado e coerente com os princípios urbanísticos estabelecidos.

O Recife, assim como outras cidades em rápido desenvolvimento, adotou medidas legislativas que moldaram a altura e o estilo dos edifícios, garantindo que eles harmonizassem com a estética local e preservassem a história e a cultura da região. Em uma década onde a influência da escola pernambucana de arquitetura moderna se fazia presente com impacto significativo na forma e nas características dos edifícios em altura no Recife.

ESCOLA PERNAMBUCANA DE ARQUITETURA MODERNA

Em meados dos anos 1930, o Recife tem seu primeiro contato com a arquitetura moderna, fato que se deu com a vinda do arquiteto Luiz Nunes, contratado pelo governo da cidade para chefiar o novo setor de obras. Nunes formou-se na Escola Nacional de Belas Artes e teve Lúcio Costa como seu professor e fonte de inspiração para futuros trabalhos, além de se dedicar ao estudo das tendências européias da época elaboradas principalmente por Walter Gropius e Le Corbusier (NASLAVSKY, 2012).

Na capital pernambucana, Nunes formou um grupo de profissionais do ramo artístico para integrar o Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU) e concluiu diversas obras públicas caracterizadas por influências da arquitetura moderna carioca e europeia. Ainda de acordo com a autora, Luiz Nunes volta para o Rio de Janeiro, em 1937, devido a fatores políticos e os então integrantes do DAU seguem executando algumas obras seguindo os princípios de Nunes.

Conforme dito por Naslavsky (2012), após anos da passagem de Nunes por Recife, em 1949 se iniciou uma nova época de intervenções modernas na cidade. Com a chegada dos arquitetos Mário Russo, Acácio Gil Borsoi e Delfim Amorim, que passaram a integrar o corpo docente da Escola de Belas Artes de Pernambuco e posteriormente o curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Federal de Pernambuco.

Esses novos arquitetos foram fundamentais para propagação dos ideais da arquitetura moderna, principalmente por Mário Russo e Delfim Amorim serem europeus e Borsoi, carioca. Que ao se depararem com as condições climáticas da região nordeste do Brasil, perceberam que seria possível a composição de novos métodos construtivos para melhor adequar as moradias aos fatores climáticos locais (MELO, 2008).

Foi então incorporado aos edifícios elementos característicos, como os Cobogós, os brises-soleil e peitoris ventilados, sendo todos esses, métodos utilizados para amenizar a temperatura dentro das edificações. Essas características juntamente com influências da arquitetura moderna propagada com a construção da nova capital do país, Brasília, fizeram com que Recife desenvolvesse uma característica própria de composição arquitetônica (MELO, 2023).

Os arquitetos pioneiros em projetos modernos com traços tropicais no Recife, Mário Russo, Acácio Gil Borsoi e Delfim Amorim, se tornaram professores na Escola de Belas Artes de Pernambuco, que posteriormente se tornou a faculdade de arquitetura da UFPE. Nessa instituição, eles transmitiram seus conhecimentos sobre métodos construtivos relacionados aos fatores climáticos da região. Ensino que reflete nas obras da primeira geração de alunos, formados ainda na década de 1950, aprenderam e souberam aplicar os ensinamentos de seus mentores.

Além disso, alguns desses estudantes começaram a colaborar com os seus professores em projetos para a Cidade Universitária do Recife. Posteriormente, alguns também seguiram rumo acadêmico, como exemplo do arquiteto Marcos Domingues, e deram continuidade aos ensinamentos sobre o traçado moderno pernambucano. Esses novos arquitetos deixaram sua marca na paisagem recifense com obras emblemáticas, como o edifício da SUDENE, projetado pelo arquiteto Maurício de Castro Passo em 1968, e o edifício do IEP (Instituto de Educação de Pernambuco), de 1956, projeto de Marcos Domingues e Carlos Correia Lima, entre outros exemplos. (MELO, 2023)

Após se tornarem professores, esses arquitetos discípulos dos pioneiros Mario Russo, Acácio Gil Borsoi e Delfim Amorim, foram responsáveis por transmitir seus conhecimentos a uma nova geração de arquitetos em formação, incluindo Alexandre Mações e outros arquitetos de sua época, como Alexandre de Castro e Silva e Jerônimo da Cunha Lima. Dessa forma, os professores continuaram a aplicar e ensinar aos seus alunos, soluções arquitetônicas herdadas de seus antigos mestres, que refletiam a modernidade da Escola Pernambucana.

ALEXANDRE MAÇÕES - VIDA E OBRAS


















O arquiteto Alexandre Mações graduou-se na Universidade Federal de Pernambuco em 1977, tendo sido instruído por professores renomados da arquitetura moderna, como Delfim Amorim, Acácio Gil Borsoi, Wandenkolk Tinoco e Carlos Fernando Pontual, entre outros. Em uma entrevista concedida aos autores, Mações mencionou também a influência significativa da arquitetura de Oscar Niemeyer em sua trajetória profissional. Durante dois anos, enquanto morava no Rio de Janeiro, ele colaborou como estagiário no desenvolvimento dos desenhos projetuais sob a supervisão do arquiteto Glauco Campello.



Figura 01. Foto do arquiteto Alexandre Mações. Fonte: Autoria própria, 2022.

Mações segue atuando em projetos na cidade do Recife, com edifícios para diversos fins que marcam a paisagem local, mas sua grande contribuição foi e continua sendo os edifícios multifamiliares. Ao longo de sua carreira, Mações projetou mais de 50 edifícios, dentre os quais alguns em parceria com arquitetos amigos, por exemplo o seu sócio entre os anos de 1978 e 1982, Alexandre de Castro e Silva.

A tabela abaixo apresenta uma seleção dos edifícios projetados por Alexandre Mações, essa lista exemplifica a importante contribuição do arquiteto pernambucano para a produção arquitetônica da região. Ao examinar a tabela, podemos notar a versatilidade do trabalho de Alexandre Mações, que criou projetos para uma variedade de usos, incluindo residenciais, comerciais e institucionais.

Ano de construção	Nome	Endereço	Bairro	Arquiteto	Imagem
1977	Edf. Promenade (Alexandre C.S.)	Avenida Beira Mar	Piedade (Jaboatão dos Guararapes)	Alexandre Mações	
1981	Edf. Sobrado do Derby (Alexandre C.S.)	Rua da Baixa Verde, 304	Derby	Alexandre Mações	
1984	Edf. Maria Helena (Alexandre C.S.)	Rua Paissandu, 678	Paissandu	Alexandre Mações	
1988	Edf. Sobrado do Capibaribe	Av. Beira Rio, 591	Madalena	Alexandre Mações	
1989	Edf. Sobrado Setúbal	Av. Fernando Simões Barbosa, 316	Boa Viagem	Alexandre Mações	
1990	Edf. Marcelo Asfora	Rua José de Almeida Maciel, 52	Casa Forte	Alexandre Mações	
1990	Edf. Sobrado Imperial	Av. Fernando Simões Barbosa, 110	Boa Viagem	Alexandre Mações	
1991	Edf. Sobrado do Shopping	Av. Fernando Simões Barbosa, 50	Boa Viagem	Alexandre Mações	
1994	Edf. Residências da Beira Rio	Av. Beira Rio, 855	Torre	Alexandre Mações	
1997	Edf. Residências da Estrela	Rua da Estrela, 105	Parnamirim	Alexandre Mações	
2002	Edf. Adriana (Alexandre C.S.)	Rua João Cardoso Aires, 574	Boa Viagem	Alexandre Mações	
2003	Edf. Maria Diva	Rua Irmã Maria David, 154	Casa Forte	Alexandre Mações	
2003	Edf. Meyer Mesel	Rua de Apipucos, 117	Apipucos	Alexandre Mações	
2005	Edf. Barreto Costa	Rua Vigário Barreto, 127	Graças	Alexandre Mações	
2006	Edf. Maria Flávia	Rua Irmã Maria David, 200	Casa Forte	Alexandre Mações	
2008	Edf. Engenho Poeta	Rua Engenho Poeta, 193	Caxangá	Alexandre Mações	
2008	Edf. Maria Júlia e Maria da Graça	R. Bruno Veloso, 257	Boa Viagem	Alexandre Mações	

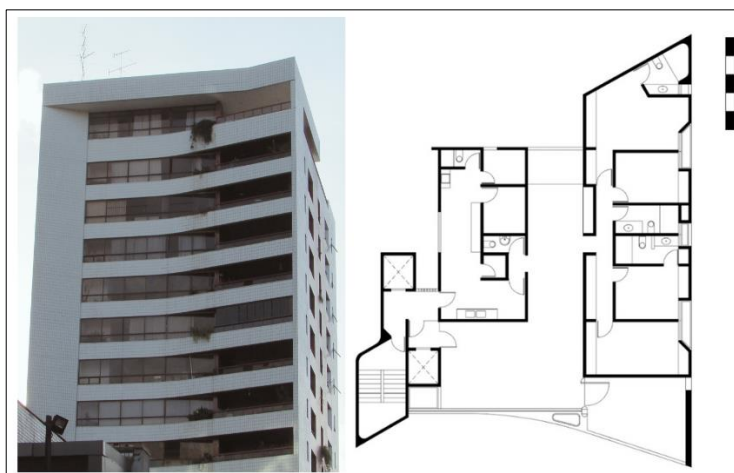
Quadro 01. Obras de prédios multifamiliares do arquiteto Alexandre Mações. Fonte: os Autores, 2023.

A presente pesquisa tem como foco a análise de três edifícios: o Marcelo Asfora, o Sobrado do Capibaribe e o Sobrado do Shopping. Essas edificações foram selecionadas devido ao fato de terem sido construídas em conformidade com a legislação de 1983 e estarem localizadas em diferentes bairros. Além disso, elas possuem características arquitetônicas e urbanísticas que são de grande relevância para compreender o contexto histórico da cidade. O estudo desses edifícios permitirá uma reflexão acerca das transformações urbanas ocorridas na época e de seu impacto na paisagem urbana e social do Recife.

Na sequência, os edifícios serão analisados sob diferentes aspectos, como a sua inserção urbana, a organização espacial, as soluções arquitetônicas adotadas, entre outros elementos relevantes. Serão examinados os elementos de fachada, a distribuição dos espaços internos, as características estilísticas e os materiais utilizados na construção.

O EDIFÍCIO MARCELO ASFORA

O Edifício Marcelo Asfora, localizado na rua José de Almeida Maciel, número 52, no bairro de Casa Forte, foi destacado pelo próprio arquiteto Alexandre Mações em entrevista concedida aos autores. Nela, Mações descreve como aproveitou o girador da rua sem saída onde o edifício está situado para criar uma fachada que segue a curvatura natural da mesma. No que diz respeito à ocupação do terreno, o edifício está em uma área classificada como ZR-5, com uma área total construída de 4.618,38m². É possível observar o cumprimento das especificações da legislação para a construção, especialmente em relação aos afastamentos. Nota-se que o edifício recua significativamente do afastamento frontal, o que resulta em uma área não ocupada adicionada ao corpo da edificação, contribuindo para a crescente verticalização da cidade na época. O edifício possui 16 pavimentos, com um apartamento por andar, e foi construído em 1990.



Quadro 02. Fotografia da fachada frontal do Edf. Marcelo Asfora e sua Planta Baixa. Fonte: Os Autores, 2023.

As limitações do lote são marcadas por uma grade vazada, que nos permite observar as árvores frutíferas no interior do terreno, assim se integrando com seu exterior de traçado orgânico. É possível observar, também, a escadaria que nos leva para o pavimento térreo, deixando o acesso à garagem rente ao limite do terreno, não ganhando tanto destaque. Situado no maior terreno de seu lote, o edifício se ergue confortavelmente em sua área mais larga, com uma lâmina que foge da forma prismal, permitindo que suas áreas se disseminem entre si de forma natural. Sua área de circulação vertical, marca a fachada frontal, separando a frente em dois blocos, o destinado à circulação à esquerda e ao lado direito, a varanda e sua jardineira.

De acordo com Oliveira (2018), o primeiro uso de jardineiras ocorreu no Edifício Presidente, em 1961, com o arquiteto Wandenkolk Tinoco. Décadas depois, observamos seu uso pontual em diversas edificações na cidade do Recife, incluindo os projetos de Mações. De acordo com o arquiteto, pelo fato da taxa de solo natural ser reduzida, os arquitetos poderiam compensar a área verde com o uso de jardineiras na fachada do edifício, evitando, assim, uma enorme base de pavimentos sobrepostos para a área de garagem. Desta forma, os pavimentos reservados para os veículos seguiram sendo semi-enterrados, dando mais liberdade à plástica da edificação - como ocorreu na edificação aqui estudada.

Nas palavras de Mações, “a arquitetura era mais favorável à cidade”, e o mesmo ainda acrescentou uma crítica às mudanças feitas nas leis posteriores sobre a taxa de solo natural, segundo ele, “querem preservar acrescentando área verde no lote, porém aumentam o número de pavimentos para garagem.”

No que diz respeito ao revestimento, o Edf. Marcelo Asfora não foge das demais práticas modernas de sua época, mesclando revestimentos cerâmicos de tamanhos variados mas sempre respeitando a forma poligonal, com cores contrastantes. Em sua fachada lateral direita, observa-se a cor bordô das pastilhas que a reveste e dão destaque à fachada lateral direita que compõem a área íntima, em comparação com o branco presente em todas suas demais fachadas.

Sua fachada destacada pelo revestimento de tonalidades fortes, conta com uma pequena fenda lateral que compõe o volume da varanda. Suas janelas referentes às áreas íntimas se mostram a partir de uma reentrância que ganha destaque novamente no revestimento - sua parede diagonal se dá na cor branca, que faz contato de maneira direta com as pastilhas. As mesmas possuem um arremate em concreto que abriga as caixas de ar condicionado, logo abaixo da abertura da esquadria e ficam lado a lado com as janelas de um banheiro, que por sua vez contam com jardineiras.

Sua cobertura contempla uma área social que apesar de seu desenho seguir a lâmina do pavimento tipo, a mesma se divide entre uma área fechada e outra aberta onde se situa uma piscina. Tal revestimento em pastilhas bordô se apresenta em um pilar que sustenta a volumetria do coroamento. Apenas na fachada posterior vemos novamente a paginação atuar como auxílio visual unificando as esquadrias ao seguir um paginamento vertical. As demais faces que se contrapõem com as saliências volumétricas são revestidas por uma cerâmica na cor cinza, deixando em evidência a área de serviço.

SOBRADO DO CAPIBARIBE

Situado na Av. Beira Rio, número 591, no bairro da Madalena, o terreno delgado abriga a volumetria que se expande de forma idônea pela área íntima e social com área de serviço bastante marcada por se afastar do corpo. Com um apartamento por andar, a planta tipo foge do esperado ao separar as áreas pelo eixo vertical, contrapondo o costumeiro ato de empurrar as áreas menos habitadas

para o fundo do terreno. Os três quartos e a suíte possuem uma sacada triangular que dão acesso à vista do Rio Capibaribe, não deixando as limitações do afastamento lateral se manifestarem na lâmina original.

Toda a unidade visual do edifício é coesa, com variações apenas na tonalidade das pastilhas de cor marrom, os ambientes são pontuados e destacados de acordo com a paginação. Seu muro frontal não é contínuo, existindo uma grade que permite a melhor circulação do ar e uma vista para a garagem situada abaixo - traçado que se faz presente em diversas obras do arquiteto.



Quadro 03. Fachada frontal (esquerda) e planta baixa do Edf. Sobrado do Capibaribe (direita). Fonte: Os Autores, 2023.

O banheiro da suíte, situado na fachada posterior, possui o único traçado mais orgânico, com uma curva fechada, sem destaque na paginação exterior. Já o quarto mais próximo à sala tem em sua sacada uma conexão visual com fachada frontal, através de uma longa jardineira. Sendo a fachada, por sua vez, ritmada pelas varandas largas, que são acompanhadas pelo bloco vertical que abriga a caixa de escada. Esse, revestido pela cor branca e, ainda que recuado, se faz imponente ao emoldurar o coroamento, que se dá a partir de um volume sólido onde apresenta um detalhe saliente ao corpo da torre de circulação em seu último pavimento.

Demais saques presentes nas janelas referentes às áreas íntimas, seguem uma forma triangular, com uma de suas faces voltadas para a Av. Beira Rio, contempladas com uma vista direta para o Rio Capibaribe. Segundo Melo (2023), os arquitetos modernos se preocupavam com a ventilação natural e em evitar a luz direta do sol a partir do meio-dia. Solução utilizada no edifício em questão, que recebe iluminação do sol nascente e foge do calor do sol poente, além de possuir a varanda recebendo constante ventilação natural direta. Tal solução também pode ser encontrada no Edifício Mirage, do arquiteto Acácio Gil Borsoi, construído em 1967 e descrito por Naslavsky (2012) como

uma explosão do prisma retangular em partes. Nesse, o arquiteto retorce sua lâmina em busca da melhor vista do litoral.

O EDIFÍCIO SOBRADO DO SHOPPING

Devido a expansão territorial dos limites urbanos da capital pernambucana, a zona sul foi primordial para o desenvolvimento da cidade nos anos 1980. A região que antes servia de veraneio e de férias para as famílias recifenses, passa a ser visada imobiliariamente, criando assim um ambiente favorável para os arquitetos desenvolverem projetos com maior liberdade criativa junto às construtoras. Aliado a esse crescimento, é inaugurado no bairro de Boa Viagem, o Shopping Recife, primeiro centro de compras do estado que é responsável por mudar a dinâmica econômica na zona sul da cidade. (LAPA e SILVA, 2022).

E foi nesse contexto que se ergueu próximo ao Shopping, em 1991, o edifício Sobrado do Shopping, localizado na Av. Fernando Simões Barbosa, número 80, no bairro de Boa Viagem, entendido pela LUOS de 83 como uma Zona Residencial - 6. Esse, que já surge com o intuito de abrigar uma maior quantidade de famílias, pois diferente dos outros dois edifícios aqui analisados, ambos com o pavimento tipo de apenas um apartamento, este foi configurado com seis apartamentos por pavimento, representando assim o contexto populacional na época de sua construção. Outro aspecto também relevante para a ZR-6, foi a ampliação dos pavimentos destinados à garagem, mudança que se fez necessária por conta do crescimento do quantitativo de apartamentos por andar e do rápido crescimento automobilístico na sociedade entre as décadas de 1980 e 1990.



Quadro 04. Fachada frontal e posterior (esquerda e meio) e a planta baixa técnica do Edf. Sobrado do Shopping (direita). Fonte: Autoria própria, 2023.

Situado na mesma Avenida que outros dois edifícios do mesmo arquiteto (Edf. Sobrado Imperial e o Edf. Sobrado Setúbal), o terreno retangular abriga uma planta que se comporta de maneira similar aos demais. Com 18 pavimentos e 6 apartamentos por andar, sua área de circulação vertical ocupa o espaço central de seu corpo e é através de um longo corredor que toda a conexão entre os apartamentos ocorre.

Sua base é composta por dois pavimentos e seu acesso principal se dá a partir do primeiro que se conecta ao nível da rua por uma escada. Seu muro frontal é revestido por pedras cinzas e também conta com a presença de grades que permitem a permeabilidade entre sua área exterior e interior, que abriga um jardim. Também se observam brises de concreto que compõem a volumetria da base dando abertura para ventilação na área do estacionamento.

A fachada frontal, que abriga duas varandas de apartamentos distintos, é visualmente unificada e ritmada por arremates de concreto, artifício utilizado em anos anteriores por Borsoi, no Edifício União, em 1953, esse, que por sua vez, explora elementos da escola carioca de arquitetura moderna, segundo Naslavsky (2012). O espaço destinado para as caixas de ar condicionado se utiliza do mesmo elemento construtivo, tal recurso também é utilizado em suas fachadas laterais, onde as esquadrias ganham destaque através do revestimento na cor bege, se contrapondo à cor branca presente nas demais áreas da torre.

Sua fachada posterior possui um vão vazio que se dá entre os apartamentos, que no exterior, é visualmente unificado através de brises verticais de concreto. Suas fachadas laterais, que abrigam demais varandas, possuem um recuo no que se diz respeito à área de serviço dos apartamentos iniciais e que, por sua vez, também apresentam brises verticais que se erguem ao longo de todo o corpo do edifício.

CONSIDERAÇÕES

A pesquisa realizada desvelou uma conexão entre o arquiteto Alexandre Mações e a escola pernambucana de arquitetura moderna. Embora Mações não seja amplamente conhecido no cenário arquitetônico, fica claro ao explorar suas obras, como a influência da escola pernambucana se faz presente em seus traçados e soluções. Sua abordagem singular, enraizada na sensibilidade cultural local, reflete os princípios fundamentais estabelecidos pela escola pernambucana. Ao apresentar as contribuições de Mações, espera-se que esta pesquisa desperte um maior interesse e reconhecimento por arquitetos que, mesmo menos conhecidos, desempenharam papéis cruciais no desenvolvimento da arquitetura em sua região e perpetuaram a influência de escolas arquitetônicas importantes.

Foram analisadas três edificações diferentes, situadas em bairros distintos e erguidas em anos aproximados sob as definições da LUOS de 1983, abrangendo suas determinações e normativas. São características dos edifícios aqui analisados aspectos semelhantes aos utilizados pelos pioneiros da escola pernambucana de arquitetura. Tais detalhes ficam evidentes quando se observa, por exemplo, os arremates de concreto aparentes nas fachadas do Sobrado do Shopping, dinâmica vista no Edifício União de Borsoi, arquiteto que também serviu de inspiração com suas plantas retorcidas nos edifícios Mirage e Michelangelo, método que Mações replicou no Sobrado do Capibaribe para garantir mais privacidade nas áreas íntimas e privilegiar com a melhor vista para o rio logo à frente.

O Edifício Marcelo Asfora por sua vez, apresenta jardineiras bem distintas nas suas fachadas, trazendo maior naturalidade para suas formas dinâmicas. Este método construtivo foi desenvolvido por um dos professores de Alexandre Mações, o arquiteto Wandenkolk Tinoco, que introduziu as

jardineiras nas fachadas de seus edifícios como alusão aos quintais das casas antigas, onde se podia aproveitar o verde das vegetações.

Em face da premissa levantada, considera-se que o arquiteto Alexandre Mações, pode ser entendido e estudado como um discípulo da escola pernambucana de arquitetura. Pois o mesmo se utiliza de soluções semelhantes desde seu início de carreira até obras mais recentes, com seu traçado e soluções projetuais desenvolvidas e repassadas ao longo dos anos por diversas gerações de arquitetos anteriores, sempre se adequando à legislação vigente e aperfeiçoando-a.

REFERÊNCIAS

LAPA, Tomás de Albuquerque; SILVA, Marília do Nascimento. O Recife metropolitano (1970-1990). In: **Recife: cinco séculos de cidade e arquitetura** = Recife: five centuries of the city and its architecture. Organizador: Fernando Diniz Moreira; Alfredo Gomes Moacyr Araújo. Recife: CEPE, 2022. p. 278 - 305.

MELO, Alcilia Afonso de Albuquerque. **A produção arquitetônica moderna dos primeiros discípulos de uma escola**. Vitruvius Arquitectos, n. 098.05, ano 09, Julho, 2008.

MELO, Alcilia Afonso de Albuquerque. Modernidade Arquitetônica **Tropical: patrimônio arquitetônico moderno recifense e sua influência no nordeste brasileiro**. Camaragibe: Ed. da Autora, 2022.

MOREIRA, Fernando Diniz; FERRAZ, Bruno Celso Araújo. **A Casa Alta por Alexandre de Castro e Silva: O Edifício Vertical Recifense (1985-1995)**. Recife: Ebook Docomomo Brasil, 2021.

NASLAVSKY, Guilah. **Arquitetura moderna no Recife: 1949-1972**. Recife: E. da Rocha, 2012.

OLIVEIRA, Patricia A. S. **Das casas às 'Villas': Os edifícios residenciais de Wandenkolk Tinoco (1960-1990)**. Manaus: 7 Docomomo Norte e Nordeste, 2018.